



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS  
CENTRO DE CIÊNCIAS BIOLÓGICAS E DA SAÚDE  
DEPARTAMENTO DE TERAPIA OCUPACIONAL**

**LARISSA C. TORRE  
CAROLINA DE CAMPOS SEMENZATO**

***“Ele achou que ia ganhar um diploma também”*: a experiência de mães estudantes e seus bebês, nos cursos de graduação de uma universidade pública.**

**SÃO CARLOS  
2021**

**Trabalho de Conclusão de Curso submetido à Universidade Federal de São Carlos como parte dos requisitos necessários para obtenção de Grau de Bacharel em Terapia Ocupacional. Sob a orientação da Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Lilian Magalhães.**

Resumo: As mulheres precisaram lutar para conquistar o direito de acesso à educação, e somente no ano de 1879, no Brasil as mulheres obtiveram o direito de frequentar o ensino superior. Apesar desse atraso, ao compararmos o número de homens e mulheres concluintes do Ensino Superior no Brasil, segundo o Censo da Educação Superior 2019, publicado pelo Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (INEP), notamos que o percentual de mulheres concluintes é maior (INEP, 2019). Além disso, o Censo da Educação Superior de 2016, revela que as mulheres representam 57,2% do total de estudantes matriculados em cursos de graduação. Entretanto, apesar de milhares de mulheres adentrarem no ensino superior todos os anos e a gravidez ser um processo biológico natural que pode vir a acontecer de maneira planejada ou não, as instituições de nível superior ainda parecem preparadas para lidar com a situação de estudantes grávidas, e precisam continuar avançando para possibilitarem maior acolhimento a essas mulheres.

O presente trabalho buscou dar voz e espaço de fala às mulheres que passaram pela experiência de gestar uma vida enquanto estavam cursando uma graduação. contamos com a participação de oito mulheres que tiveram seus relatos coletados através de videochamadas. Os encontros foram realizados pela plataforma Google Meet, com duração média uma hora cada, através de entrevista semi-estruturada. Nós consideramos esses relatos uma primeira aproximação ao tema da gravidez durante a graduação, um breve relato do contexto da UFSCar, assunto que, acreditamos, precisa continuar a ser debatido por toda a comunidade universitária.

Palavras-chave: graduação, gravidez, universidade pública, alunas

Title: “He thought he was going to earn a degree too”: the experience of student mothers and their babies in undergraduate courses.

**Abstract:** Women had to fight to conquer the right of access to education, and only in the year 1879, in Brazil, women obtained the right to attend higher education. Despite this delay, when comparing the number of men and women graduating from Higher Education in Brazil, according to the Census of Higher Education 2019, published by the Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (INEP), we note that the percentage of women graduating from higher education is greater. In addition, the 2016 Higher Education Census reveals that women represent 57.2% of the total number of students enrolled in undergraduate courses. However, even though thousands of women enter higher education every year and pregnancy is a natural biological process that can happen in a planned or unplanned way, higher education institutions still seem unprepared to deal with the situation of pregnant students, for which there is the need to continue advancing to make these women welcome.

The present work sought to give voice and space to women who went through the experience of gestating a life while they were attending an undergraduate course. We had the participation of eight women who had their reports collected through video calls. The meetings were held by the Google Meet platform, with an average duration of one hour each, through a semi-structured interview. We consider these reports a first approach to the topic of pregnancy during graduation, a brief account of the context of UFSCar, a subject that, we believe, needs to continue to be debated by the entire university community.

**Keywords:** graduation, pregnancy, public university, female students

## **Introdução:**

### ***“Ele achou que ia ganhar um diploma também”*: a experiência de mães estudantes e seus bebês, nos cursos de graduação.**

As mulheres precisaram lutar para conquistar o direito de acesso à educação, e somente no ano de 1879, as mulheres no Brasil obtiveram o direito de frequentar o ensino superior (BEZERRA, 2010). Porém, apesar desse atraso, ao compararmos o percentual entre homens e mulheres de concluintes do Ensino Superior no Brasil, segundo o Censo da Educação Superior 2019, publicado pelo Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (INEP), notamos que o percentual de mulheres concluintes é maior (INEP, 2019). Além disso, o Censo da Educação Superior de 2016, revela que as mulheres representam 57,2% do total de estudantes matriculados em cursos de graduação (INEP, 2016).

Entretanto, apesar de milhares de mulheres adentrarem no ensino superior todos os anos e a gravidez ser um processo biológico natural que pode vir a acontecer de maneira planejada ou não, as instituições de nível superior ainda não estão preparadas para lidar com a situação de estudantes grávidas, e precisam continuar avançando para possibilitarem maior acolhimento para essas mulheres.

O presente **relato de experiência** buscou dar voz e espaço de fala às mulheres que passaram pela experiência de gestar uma vida enquanto estavam cursando uma graduação. No seu desenho original, pensávamos num trabalho extensional de escuta e reflexão sobre a gravidez que ocorre durante a graduação. Havíamos imaginado rodas de conversa, pequenos encontros de alunas gestantes, provocando diálogos e trocas entre estudantes que estivessem passando pelas mesmas situações. Queríamos dar protagonismo às próprias estudantes, e queríamos observar a construção e o entrelaçamento dos papéis ocupacionais de estudante e mãe. Entretanto, em 2020 o planeta foi duramente sacudido por uma doença que aos poucos mostrou extrema gravidade e que impossibilitou qualquer aproximação social, reuniões presenciais, etc. Assim, movidas pelo desejo de realizar esta escuta, adaptamos o projeto inicial. Ao final contamos com a participação de oito mulheres que tiveram seus relatos coletados através de videochamadas, e buscamos garantir o máximo de liberdade e espontaneidade nos relatos, para garantir que a escuta seria realizada, sem julgamentos ou entraves de qualquer natureza. Os

encontros foram realizados pela plataforma Google Meet, com duração de em média uma hora cada, através de entrevista semi-estruturada. Nós consideramos esses relatos uma primeira aproximação ao tema da gravidez durante a graduação, assunto que, acreditamos, precisa continuar a ser debatido por toda a comunidade universitária.

Os nomes das estudantes foram mantidos, pois nenhuma delas solicitou anonimidade, mas evitamos revelar os nomes dos bebês, bem como tentamos, sempre que possível, manter o sigilo sobre professores, colegas e cursos citados nas narrativas.

Vale ressaltar que todas as histórias reunidas focalizam mulheres cujas gestações terminaram em partos com êxito. Com isso, não tivemos a oportunidade de ouvir relatos de mulheres que por diversos motivos não chegaram ao final da gestação. Igualmente, no momento em que essas conversas foram realizadas, todas as mulheres já haviam concluído sua graduação ou estavam no processo de conclusão, não havendo nenhuma entrevistada que tenha desistido de se formar devido à gravidez, o que eventualmente pode ter acontecido a outras estudantes, que nós não conseguimos localizar.

### **A rede de cuidados preciosos de Carol**

*“Olha, acho que se eu pudesse deixar uma mensagem para quem entra na faculdade e engravida, acho que seria realmente de você buscar outras, outras pessoas que também são mães, pra formar sua rede de apoio.”*

Carol, engravidou em 2010, logo no início de sua graduação: *“eu entrei em março e no outro mês engravidei, então meu primeiro ano foi completamente grávida, né?”*. Nesse período, marcava ponto no hospital, pois teve uma gravidez delicada, passava muito mal: *“tive enjoos até o quarto mês e depois quando os enjoos pararam, acho que umas três ou quatro semanas depois, eu comecei a ter crise de pedra na vesícula (que foi diagnosticada somente anos depois), tinha muita dor, é pior que parto”*.

Carol iria fazer dezoito anos no final do ano, por isso sempre precisava que alguém a acompanhasse até o hospital, até que por muita insistência de sua parte, o local passou a permitir sua entrada, mesmo sem acompanhante.

Para Carol, ser mãe é difícil mas, seu filho lhe trouxe muito aprendizado e um hábito que tem marcado em sua memória desse tempo é comer prato feito, o prato comercial de restaurantes, e a palavra que define essa experiência para ela é enriquecedora.

Embora todas as dificuldades enfrentadas, ela nos contou que achou a experiência de estudar e criar uma criança, muito possível. O melhor momento de toda essa experiência para Carol foi: *“foi quando tava terminando o ano, que eu tava cansada, não aguentava mais, só esperando as férias pra voltar pra casa e parir a criança”*.

Carol relatou que uma amiga que morava com a família em São Carlos a convidou para morar com ela *“nossa ela foi um anjo na minha vida”*, essa mesma amiga a acompanhava até o hospital sempre podia.

Os professores também foram bastante acolhedores pois seu curso era novo havendo somente a sua turma, o que auxiliou na criação desse vínculo entre docentes e alunos. Em relação ao exercício domiciliar, na época não existia na universidade, então Carol fez um acordo interno com seus professores para poder realizá-lo: *“realmente assim na época não era uma coisa que existia, licença maternidade na faculdade, até eles (professores), eles pesquisaram e não tinha nada que falava que você tinha direito na graduação, então eu acabei tirando quatro meses né, mas foi assim, foi um acordo interno sabe? Eles me liberaram de algumas disciplinas, quando voltei fiz trabalhos”*. Além de ter tido auxílio da coordenação de seu curso quando voltou, para ajustar a grade com as disciplinas e não atrasar sua formação.

Por estar grávida, ela contou que isso despertava interesse em seus colegas de turma, o que fez com que recebesse bastante apoio deles: *“você despertava interesse na sala né, então todo mundo era muito bonzinho, todo mundo oferece comida né.. eles fizeram um chá de bebê também pra mim na sala”* e *“quando eu voltei me fizeram uma festinha de, de boas-vindas, eram, elas eram umas meninas assim... preciosas”*.

Após o nascimento de seu filho, Carol contou com o apoio do pai da criança e de sua família, para cuidar do bebê, o que a ajudou bastante a ter um pouco mais de tempo para se dedicar também aos estudos.

Na época morava em uma pensão no centro de São Carlos, ela tinha que ir andando com todo o peso dos materiais que levava para as aulas, até o ponto de ônibus mais próximo de sua casa para se deslocar até a universidade. Também dentro do campus, Carol contou que tinha dificuldades para se locomover até o Restaurante Universitário e por vezes preferia até *“beliscar alguma coisa por aqui, porque não dou conta de subir pra comer”*.

O medo passou a ser uma companhia constante para ela: *“na época eu passei muito medo.. real..é assim.. era medo de, de acontecer alguma coisa, era medo da dor”,* a falta de controle da situação: *“eu tinha medo, por exemplo, que eu, que o bebê ia nascer lá, que o bebê precisava nascer em casa né, com a minha família, o pai dele, eu tinha medo de passar por um trabalho de parto prematuro né”*.

O preconceito e julgamento das pessoas: *“as pessoas olham né, meio com uma cara tipo - nossa acabou com a vida - , falar num fala, só pensa né”* e relatou que isso veio mais das pessoas de fora do seu convívio social. Ainda assim, Carol sentiu que por conta da gravidez, acabou perdendo muitas oportunidades dentro do meio acadêmico: *“que os professoras num... num é que, num é que eles num confiavam, porque eu era uma excelente aluna e eles confiavam em mim, mas que, num, num, tavam dispostos a te apoiar tanto assim, sabe? Então teve algumas, teve algumas coisas, eu queria ter, porque a pesquisa científica é uma coisa que eu descobri que eu adoro fazer e eu num tive a oportunidade sabe? De ter bolsa pra isso”*.

Nos anos finais da graduação, com o início dos estágios, Carol conseguiu uma vaga na Unidade de Atendimento à Criança (UAC) para seu filho, pois começou a ter atividades da graduação todos os dias da semana. Porém a creche fechava no horário de almoço e seus horários de estágio não batiam com os horários de pausa da creche e sendo assim, ela precisava sempre arrumar alguém para ficar com ele por um tempo e levá-lo novamente para a creche, para não chegar atrasada ao estágio: *“aí eu senti dificuldade, porque, cê não tem uma pessoa disposta a fazer isso né”*.

Além da UAC, teve dificuldades para encontrar espaços dentro da própria universidade que fossem de fato abertos e receptivos para crianças, porque muitas vezes precisou levar seu filho junto para aulas, palestras, congressos e: *“ele era tão bonzinho, tava super quietinho lendo gibi, e criança faz um barulhinho, mas é bem menos que, por exemplo, os estudantes que tão conversando no fundo, mas a professora tava super incomodada, aí teve uma hora que ela pediu pra sair com ele [...] Eram poucos os espaços que a criança é acolhida, em alguns ela é até tolerada,*

*que incomoda mesmo, rejeitada assim, foram, foram, acho que foi só esse episódio, mas você tava na sala, você sabia que as pessoas ao seu redor da palestra tavam incomodadas, aí vc fica tão preocupada da criança não fazer barulho que cê acaba escutando muito pouco assim, sabe? Então esse espaço da universidade, não é um espaço que acolhe crianças pequenas, sabe?”.*

Nos semestres finais, Carol realizou seu estágio de maneira integral, assim conseguia cumprir a carga horária indo somente uma vez por semana. Mas para chegar ao estágio: *“eu ia de carro pra SP, deixava meu filho lá com a minha avó que morava lá, ia pra São Carlos, passava o dia inteiro fazendo estágio, pegava um ônibus, voltava pra SP, pegava ele, entrava no próximo ônibus e a gente chegava de madrugada”.*

Carol contou que depois teve outra filha e mesmo ela sendo pequena ainda, não sentiu medo de entrar no mestrado, porque já sabia que conseguiria dar conta. Entretanto, por ter uma filha pequena, foi recusada pela banca: *“passei por todas as fases, mas aí na entrevista, elas ficaram incomodadíssimas e só num quiseram nem discutir meu projeto, falaram - mas como, como que você vai fazer com filho e pra trabalhar? - Desse jeito, eu já saí sabendo que eu não ia passar [...] elas só falavam disso. E eu tentava falar do meu projeto, da minha vida profissional - aí, mas você sabe que você vai ter que dedicar alguns dias da sua semana pra vim? - eu falei - é claro que eu sei, não me inscrevi para EAD né - e - ai mas, como que, quem vai cuidar dos seu filhos?”.*

Carol sentia que precisava se esforçar mais do que todo mundo na sua graduação, em virtude da gravidez: *“eu tinha a sensação, assim, de que eu precisava estudar mais do que todo mundo, sabe? Que eu precisava me dedicar assim, ser a, ser a.. uma das melhores da sala. Não acho que era nem - ai preciso dar um futuro pro meu filho - não sei se era por isso, era mais pelo caso de tipo... eu precisava provar que eu.. tinha direito de tá lá na faculdade, sabe? Que eu merecia, que eu merecia aquele lugar, não tanto, mais do que os outros né”. Por sentir essa necessidade de se dedicar mais aos estudos, ela abriu mão de algumas coisas, como por exemplo, frequentar mais festas e curtir: *“porque eu precisava tá lá que era pra estudar mesmo né, se não eu tô em casa com meu filho né, se num fosse pra aprender e ser a melhor profissional que eu poderia ser né, não valeria a pena”.* Essa experiência lhe deu foco para direcionar seu tempo, imaginando a profissional que queria ser no futuro e como queria aproveitar aquele ambiente.*

Na época de sua graduação, Carol conheceu somente uma outra estudante que era mãe, mas sua filha já tinha quatro anos, então ela não conheceu ninguém que tenha passado pela mesma situação de estar grávida e cursando uma graduação.

Após ter seu filho, Carol precisou levá-lo para algumas de suas atividades acadêmicas, e conta que ele adorou viver dentro desse mundo universitário dela, e quando ela se formou: *“ele achou que ia ganhar um diploma também”*. Hoje em dia, conforme os anos foram passando, ele foi se esquecendo, mas Carol sempre relembra com ele os momentos que tiveram nesse mundo.

### **A singular maternidade solo de Gabi**

*“Eu acho que, acho que deixaria pro G. né, deixaria assim - é.. que ele é o amor da minha vida e que eu faria, eu faço e farei tudo por ele, sempre!”*

Gabi engravidou quando estava no início de seu segundo ano de graduação: *“é.. eu tava no segundo ano né, da faculdade, e na parte de início né, da gravidez, foi um pouco tranquilo né, porque.. por mais que tinha as mudanças psicológicas, é.. eu consegui frequentar as aulas, mas o que foi complicado foi depois que ele nasceu, né”*.

Para ela, o melhor momento dessa experiência foi quando pôde retornar para a universidade, com sua rotina, depois do parto: *“quando você volta pra rotina normal, é a liberdade.”* Quando seu filho crescer, Gabi pretende contar toda essa experiência de ter ficado gestante no meio universitário, os momentos bons e ruins que enfrentou: *“ele tem que saber a história dele e acho que a história dele começa desde a concepção até o final, tendeu? Ele tem que saber, tem que saber, que eu tive essa dificuldade, que meus amigos mexeram na barriga, conversavam com ele”*.

Para Gabi, ser mãe é uma luta diária e seu filho lhe trouxe amadurecimento. Um hábito que ficou marcado desse tempo foi dormir juntinho com ele, e o sentimento que define toda essa experiência é amor: *“quando você gera uma vida, você gera esperança, então.. a partir do momento que você vê seu filho no braço, você fala assim: - meu Deus, é uma vida! - então não tem como não ter esperança, não tem como não ter amor, num tem como num despertar tudo isso”*.

Gabi relatou que: *“dos meus amigos da faculdade eu tive um maior apoio, eles que me acolheram, me ajudaram, minha família também, bastante, é.. tive de alguns professores, que sempre perguntavam se tava tudo bem, se tava precisando de algo”*.

Entretanto, enfrentou dificuldades na licença maternidade: *“eu tive quatro meses de licença maternidade pela federal e foram bem complicados, é.. pela questão de.. você tá com um recém-nascido, você tá ali cuidando, eu.. eu moro sozinha em São Carlos com o G., eu sou mãe solo.. então.. eu tive que arcar com tudo sozinha com ele. Não teve muita compreensão dos professores, alguns professores, não foram.. é.. como que eu posso falar? Não tiveram a empatia de entender, o entendimento que eu estava de licença maternidade e queriam que eu cumprisse, é.. que eu tivesse o mesmo desempenho que meus colegas de sala, e.. a gente sabe que isso é inviável, né?”* Por isso, Gabi teve até que trancar matérias durante esse período, resultando no atraso da sua formação.

Quando seu filho estava com cinco meses, Gabi retornou para as aulas presenciais na universidade deixando o bebê com o pai mas, mesmo assim ela contou que tinha muitas dificuldades para se concentrar nas aulas, porque sua cabeça ficava pensando em seu filho: *“o mais difícil foi a concentração né, de saber que seu filho tá em casa, cê num sabe se ta bem, se não tá”*.

E nesse momento ela encontrou, novamente, falta de empatia e compreensão por parte de alguns professores e percebeu também isso acontecendo com outras mulheres que eram mães: *“a gente tá numa universidade pública, o que a gente, primeira coisa que a gente pensa que vai acontecer é ter apoio dos professores né, que a gente escuta muito de acolhimento, de.. empatia um com o outro e eu não tive isso, eu lembro uma vez que o professor falou pra mim, que ele não queria que chegasse 7h15, ele queria que chegasse 7h. Aí eu falei pra ele assim, é que eu não, num podia que eu ia chegar 7h15, 7h em ponto, porque eu trabalhava, eu tinha o G. em casa, eu ia pra faculdade, e ele falou assim pra mim: - já não é problema meu”*.

Gabi relatou que a maior mudança que essa experiência gerou foi o amadurecimento: *“porque.. eu falo que eu sou uma aluna diferente do que eu era antes, a dedicação agora mudou, agora eu sou extremamente, é... decidida a me formar logo porque eu preciso por conta que agora eu sou mãe e preciso dar um futuro melhor pro meu filho né, e talvez esse não era um pensamento que eu tinha com maior clareza antes, né”*. Com isso, muitas vezes ela precisou escolher suas

prioridades, abrindo mão de participar de projetos de extensão e demais atividades extracurriculares.

Quando uma mulher se torna mãe, o mundo espera que a vida gire em torno de seu filho, mas Gabi reflete sobre as contradições deste processo: *“tem pessoas que tem o filho e você fala assim: - agora é tudo pra ele, eu faço pra ele, estudo pra ele - e não é bem assim que tem que ser né. A gente tem que fazer pela gente né, porque a gente não deixou de existir, mas é algo que passa na cabeça de qualquer mulher depois do parto [...] Quando vai a algum lugar as pessoas já logo perguntam - cadê o G.? - não é tipo - oi, tá tudo bem? - tipo, sabe.. entendeu? É algo assim, óh, constante... eu chego, não é: - oi Gabriela, tá tudo bem? - , é - oi, e o G.? - entende? Então, é nessa parte que ainda a mulher começa né, - mas e a Gabriela? A Gabriela tá aqui!!!!”*.

Ela nos contou que até hoje faz terapia: *“uma vez eu falei assim pro psicólogo: - aí eu num sei, Gabi e Gabi mãe - e ele falou pra mim: - não existe Gabi e Gabi mãe, é Gabi, entendeu? - Eu falo que não gosto de romantizar a gestação, porque não é, num é bonito, dói, é incômodo, tendeu? Num é - ai lindo - tendeu? É horrível, é horrível, eu tenho agora quatro amigas que estão grávidas, elas falam: - ai to com dor - aí, eu falo: - vai piorar, fica tranquila que vai piorar. Num adianta sabe, num tem como, num dá pra romantizar, porque num é gostoso, num é delícia. Mas num tem como ignorar a esperança, o amor, uma vida né, por mais das dificuldades que tem.”*

Gabi conheceu outra estudante que fazia algumas matérias com sua turma que também passou por essa experiência de ser gestante no meio universitário, e contou que: *“ela levava a nenê, o pai dela ficava lá fora, pra ela amamentar na hora que ela tinha que amamentar. A gente viu a menininha crescer.”*

### **Um mundo melhor para o filho de Jany**

*“Força! Procura as redes de apoio. A família é fundamental, é essencial! Ah, até pra questão emocional né, os hormônios estão loucos. Então, assim, passa por uns momentos muito esquisitos de choro, tipo descontrolados e às vezes estresse por causa dos hormônios, então ter uma rede é fundamental, ter alguém que te apoie é fundamental, alguém que te apoie que te dê esse suporte. Se precisar, para*

*um pouco e respira! Pra pegar impulso e continuar, e continua! E agora tem outra vida que vai continuar a crescer, é isso.”*

Jany teve sua gravidez planejada quando estava no terceiro ano de graduação. Na época, ela já era casada há oito anos e tinha trinta e cinco anos de idade: *”eu sempre quis ser mãe, desde muito menina, eu sempre quis. Aí chegou tipo naquele negócio de desespero da idade biológica, e eu: - ai tô com trinta e cinco anos, como é que vai ser?”*. Com isso, conversou com seu marido e engravidaram.

O melhor momento de toda essa experiência, segundo Jany, foi o carinho das pessoas para com ela: *“as pessoas se mobilizando, se importando”*.

Quando seu filho crescer, Jany pretende contar toda essa história para ele: *“porque ele assistiu as aulas comigo até a pandemia, ele frequentou as aulas comigo, e.. eu brincava falando que ainda bem que essa fase é uma fase que a gente não lembra, se não ele não ia querer entrar na universidade porque, né.. recém-nascido já tava lá.. (risos)”*.

Para ela, ser mãe é a melhor experiência que ela já viveu em sua vida, seu filho lhe trouxe o amor mais puro, mais profundo, mais sincero e mais intenso que ela pôde experimentar. Um hábito que ficou marcado em sua memória desse tempo é cheirar o filho e para ela um sentimento que define essa experiência é amor.

*“Fui bem acolhida pelas professoras, pelos professores. É... eles tinham uma preocupação, cada vez que eu saía da sala e tal, pensavam que eu tava passando mal”*. Além disso, quando foi fazer estágio: *“eu fui pra um primeiro ano e a professora falou: - não, você não vai pra um primeiro ano, porque um primeiro ano requer muito esforço físico, requer você tá muito ali do lado deles, pegando na mão, eles chamam toda hora, eles são muito agitados e tal, eles vão te sugar - e eu já tava assim com barrigão, eu já tava no sexto, sétimo mês, e aí ela tipo, conversou com a direção da escola aqui, com pessoal da secretaria de educação e conseguiram me colocar numa sala de terceiro ano que seria, teoricamente, mais fácil.”*

Jany relatou que teve bastante apoio de sua família e seu marido, tanto no período de gestação, como após o nascimento de seu filho: *“foi fundamental pra eu continuar estudando”*. Sua mãe morava na mesma rua que o ponto de ônibus, então ela relata que *“teve vezes dela ir atrás de mim com um lanchinho, porque ela tava com medo que eu ficasse com fome e não tivesse o que comer ou eu comesse alguma*

*porcaria, sabe?”*. Durante o nono mês todo e depois que o bebê nasceu, seu marido a levava para as aulas e ficava lá esperando para depois voltarem para casa.

Na universidade, ela contou também com o apoio de amigos, mais especificamente de dois amigos mais próximos: *“me abraçaram muito e especialmente neste momento eles foram fundamentais, assim, pra eu num surtar, porque trabalhar o dia inteiro, fazer faculdade à noite e aí com bebê, que te suga muita energia, te deixa muito cansada. Então esse suporte foi assim, fundamental pra eu permanecer na faculdade, senão eu não teria...”*

Em seu trabalho, Jany também encontrou apoio: *“eu tive flexibilização em alguns horários, em alguns momentos no trabalho também, por conta de estar sobrecarregada, assim muito cansada. E aí, em alguns momentos também a diretora da minha escola também foi, assim, parceira nesse sentido de, de aliviar um pouco a minha carga horária em alguns momentos para eu conseguir dar conta de tudo.”*

Outro apoio, foi de uma aluna da pós graduação que acompanhava algumas aulas com sua turma e mesmo não sendo amigas e não tendo contato: *“eu sai, pra pra eu ir.. no banheiro e depois eu fiquei lá fora tomando um ar, bebendo água, e assim, eu fiquei acho que uns... uns cinco minutos fora, eu saí, passou um minuto eu não voltei, ela já foi correndo, sabe? Foi no banheiro perguntar se tava tudo bem, se eu tava precisando de alguma coisa e tal, e aí depois disso sempre que eu saia ela nunca me deixava sair sozinha, ela sempre ia comigo [...] ela tinha medo que eu passasse mal e tivesse sozinha, não conseguisse ninguém pra me ajudar”*.

Após o nascimento de G., Jany contou que seus colegas de turma os acolheram bastante nos momentos em que precisou levá-lo para as aulas. Esse acolhimento e suporte todo foi bem importante e que se isso acontecesse hoje, gostaria de ter todo esse apoio que recebeu novamente.

Na época, Jany trabalhava durante o dia e ia para as aulas à noite. Morava em Ibaté, por isso vinha de ônibus, descia na frente da Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais (APAE) e ia andando até a Universidade Federal de São Carlos (UFSCar) e para voltar fazia o mesmo caminho, até o nono mês de gestação. Com isso, conta: *“foi tensa a questão do xixi, porque cé tem vontade de fazer xixi toda hora e aí dentro do ônibus não rolava, aí eu descia andando, teve duas vezes que eu cheguei a passar mal por segurar o xixi”*. Com isso, ela disse que gostaria de na época ter um carro para poder ir até suas aulas sem precisar depender de ônibus, o que iria contribuir para que essa questão fosse sanada. Jany levou um susto no início da

gestação: *“eu tive muitos gases no começo da gestação, que assim.. no comecinho mesmo a primeira dor que eu senti, eu fiquei desesperada, porque eu achei que era cólica. Eu fiquei com medo de perder o bebê”*. Com isso, teve vezes de ela não conseguir ir para a universidade.

Durante o exercício domiciliar, ela contou que tinha duas disciplinas que não eram passíveis de adequação, sendo elas: Língua Brasileira de Sinais (LIBRAS) e o estágio. Então após o nascimento de seu filho, muitas vezes precisou levá-lo consigo até a UFSCar, e mesmo seu marido levando-a e ficando com o neném, chegava atrasada em todas as aulas. Outra barreira que encontrou foi o exercício domiciliar que: *“pra eu dar entrada no exercício domiciliar, eu tive que ir até a universidade, pessoalmente assinar um documento e levar uns documentos, isso ele tinha cinco dias de nascido, o parto foi cesárea, então eu tava cheia de pontos e ele, com cinco dias, conheceu a federal”*.

Jany contou que essa experiência toda lhe trouxe resiliência: *“talvez seja, pareça romântico, mas não é, porque eu não sou, eu sou bem, bem prática, mas um.. um.. olhar, um olhar diferenciado com, com esperança [...] Cê tem um serzinho que depende totalmente de você, então cê tipo, cê tem que pegar as forças de onde você não tem ou, ou a raiva e.. com força e com sei lá, com tudo o que você tem e, e não desistir, entende?”*

Além disso, essa experiência despertou nela: *“uma vontade maior ainda de transformar o mundo num lugar melhor, pra que ele possa viver num lugar melhor né, já existia essa vontade, mas agora parece um anseio, um desespero. Tipo tem que dar um jeito de transformar isso aqui num lugar melhor porque ele vai viver e como ele vai viver do jeito que tá, né?”* Uma outra mudança que Jany conta é que percebeu que: *“quando você tem filho, as pessoas meio que deixam você um pouco de lado e o holofote é seu filho, então tipo (quando faltava das aulas) - ah não, aconteceu alguma coisa, tá tudo bem? - é tipo: - cadê o G. que não veio pra aula hoje?”*.

Jany conheceu outra estudante que também era mãe enquanto estava na graduação: *“eu sempre gostei muito de criança, então às vezes a nenê tava é.. chorosa, em seminários às vezes... Às vezes eu me oferecia pra cuidar da nenê”*. E mesmo tendo pouco contato, conta que ela era mãe solo e algumas vezes a via com seu pai ajudando, trazendo ela para as aulas, mas: *“eu percebi por ela ser mãe solo, que ela tinha que se virar nos trinta né?”*.

## A chegada do amor da vida de Mari

*"Use camisinha!! (risos). É verdade, viu gente, essa é minha mensagem. Eu pensei em falar alguma coisa bonita, mas eu falei - não, cara, é a resposta - (risos)."*

*"De início foi, bastante é.. complicado, porque é.. tinha que conciliar muita coisa, médico, exames, é.. uma situação que a gente passa muito mal né, assim, é.. e com as aulas em si, é.. foi um pouco difícil pq faltou um pouco de compreensão né, no começo".* Mari, não estava preparada para uma gravidez, pensou até em interrompê-la, mas optou por continuar com a gestação e apesar das dificuldades, teve sensações e sentimentos muito bons: *"os primeiros chutes, aí você vê a barriga crescendo, são coisas maravilhosas né, que a gente nem imagina, eu não me imaginava barriguda, grávida, né, falava - ai não pelo amor de Deus - e aí hoje eu sinto falta, porque é uma sensação muito gostosa né, você ter um bebê dentro da sua barriga".*

O melhor momento da experiência para ela foi o parto: *"a sensação de esperar ela, saber que ela tava chegando, a hora que eu vi o rostinho, nossa, foi incrível, foi a melhor, a melhor sensação da gravidez inteira foi a hora que eu, que ela nasceu, o dia do parto! [...] - eu vou conhecer o amor da minha vida - , a gente nunca sabe quando vai conhecer o amor da nossa vida né, a gente sai todo dia de casa e - será que é hoje? será que num é? - , agora um filho que cê sabe que o filho tá chegando, cê sabe que o amor da sua vida tá vindo. Foi ótimo, foi tudo lindo! [...] Olha eu sinto essa sensação aqui até agora!"*

Quando sua filha crescer, Mari pretende contar toda essa história omitindo algumas partes conturbadas, mas quer que ela saiba dessa experiência e que sirva como referência. Apesar de seus obstáculos, afirmou que não mudaria nada: *"cada parte dessa história foi que fez ela ser única"*, e que teria se dedicado da mesma forma, *"porque eu acho que a dedicação é tudo, tanto na faculdade quanto a ela (sua filha)"*. Mari refletiu que ser mãe é muito difícil, mas definiu essa experiência como maravilhosa, contando que sua filha lhe trouxe felicidade e que uma memória marcante dessa época é ter gastado muito tempo limpando a casa.

Recebeu apoio de alguns docentes: *“teve professores que foram muito solícitos que me ajudaram, que remarcaram prova, porque coincidia com um dia de médico”,* e relembra de um professor que lhe ofereceu um berço e também fazia as correções com ela quando cumpria exercício domiciliar e alguns outros que incentivaram-a moralmente conversando. Seus colegas de turma também prestaram bastante apoio, o qual ela nem esperava e isso fez com que se sentisse mais próxima deles, *“eles me ajudavam assim, tanto de ir na minha casa me ajudar a fazer uma faxina, como me levar uma comida fora de horário, me ajudaram a estudar, me ajudaram a fazer os exercícios, de repente eu não conseguia ir numa aula, eles anotavam, me passavam as coisas, sabe?”.* E por ser aluna bolsista obteve orientações de assistente social *“ela se pôs de pronto a me ouvir, até hoje a gente tem contato, mesmo durante essa pandemia, ela sempre tá conversando comigo, pra saber como que tá as aulas, a bebê, tudo”.*

Outra fonte de apoio foi sua sogra, *“ela que me orientou, ela que me levou nos médicos, ela que fez o enxoval, ela que cuidou de tudo, desde o início, essa foi a ajuda mais inesperada, pra mim, sabe? E também a que teve maior significância”.*

Embora apresentasse uma rede de apoio fortalecida, as questões acadêmicas lhe geraram angústias *“de início foi bastante complicado, a coordenação de curso da pouca instrução pra gente, né, sobre quais são os nossos direitos, o que a gente pode tá fazendo, é.. por exemplo [...] eu precisava que eles me orientassem, se eu podia tá fazendo laboratório, se poderia causar algum problema pro feto, ou mesmo pra minha saúde na gravidez. Então tipo assim, foi difícil ter essas instruções”.* Inclusive, conta que vivenciou um aflito episódio em uma dessas aulas de laboratório, no qual solicitou à professora que lhe avisasse caso fossem usar algum composto químico que pudesse prejudicar sua gravidez, entretanto: *“um grupo lá começou a usar metanol durante a aula, e metanol é super tóxico, poderia ter ocorrido coisas horríveis com a minha bebê, mas na hora que eu percebi que elas tavam usando, eu saí da classe na hora, mas professora não avisou. Então a gente vê a falta de compreensão também né”.*

No oitavo mês, precisou entrar em exercício domiciliar pois pelo calor, começou a passar muito mal nas aulas, e para ela, essa foi a maior dificuldade que enfrentou na universidade: *“foi difícil conseguir o afastamento, eles não me orientaram, que eu tinha que levar o atestado do meu médico aqui, fazer outro atestado com o médico da UFSCar. Então eu passei um dia inteiro andando pela*

*UFSCar pra tentar conseguir o afastamento e eles não me orientaram, passaram uma informação e no fim já era outra, né.”* Durante esse período, houve só um professor que a orientou: *“de resto, tudo, jogou as atividades pra eu fazer, num me deram uma aula, num me mandaram um material, eu tinha que fazer tudo sozinha. Inclusive [...] teve uma professora que [...] queria que eu fosse um dia depois do parto fazer a prova, entendeu? Coisa assim!! Foi absurdo né, aí por fim eu acabei desistindo da matéria e não fiz, porque eu não tinha condições de ficar indo. Durante o exercício domiciliar eu preferi ficar com a minha família.”* Mari ressaltou bastante a falta de orientação por parte da universidade: *“a gente num tem muita informação em nenhum site, então cê tem que ir perguntando, procurando saber uma informação aqui, uma informação ali, né”*. E por sua filha ser matriculada na UAC, Mari conheceu outras estudantes mães que também encontraram obstáculos nesse processo.

A dificuldade financeira também esteve presente: *“então eu tive muita dificuldade financeira, eu não tinha como pagar os exames, as viagens começaram a ficar caras, que eu tinha que voltar sempre, a questão alimentar também, gasta muito dinheiro, remédio, né.”*

Nessa época ela deixou de ir comer no Restaurante Universitário: *“porque era muito barulho, muita confusão, aquilo acabava me deixando muito atordoada”*. Sua vida social também foi afetada: *“eu saía durante bastante as aulas, isso mudou muito durante a gravidez, saía muito, tanto por questão de passar mal, quanto por questão de ir ao banheiro, que vai muito, né?”*. Com a gravidez, deixou de frequentar festas: *“antes eu era louca, né, ia pra todas as festas, eu me divertia muito, agora eu sou aquelas mães, sabe aquelas mães que vocês, que a gente vê, assim até a mãe de vocês, sabe? Parece que assim, no dia que você se torna mãe, você virou outra pessoa, você se torna chata. Eu sou chata, sou sem graça, sou certinha, sou implicante, mas durante a gravidez eu me senti muito mais focada, eu me senti muito mais emotiva, né, muito mais triste, por conta é, tudo me abalava”*.

Conjuntamente, se sentia muito mais cansada: *“é um cansaço, uma coisa que, que num parece real, sabe? Cê fica muuuito cansada, nada comparada a maternidade, né, hoje eu vejo que cansada eu não tava não (risos). Cansaço é o que eu sinto hoje, mas, o cansaço é muito, você fica muito indisposto, eu acho que, que é a palavra mais correta, a indisposição, então assim, é.. uma dificuldade muito grande que eu tive foi isso, que eu passava muito mal, teve vezes que eu não*

*conseguia estudar, que eu não conseguia, é.. ir pra uma aula, perdi várias aulas por indisposição, por inchaço, por tá com hiperemese, cheguei a ficar internada.”*

*Atualmente, “eu me sinto muito mais cansada, eu me sinto às vezes até depressiva porque eu num tenho tempo de escape, eu não tenho tempo é.. de sentar e assistir uma TV, porque enquanto ela dorme, ou eu estudo ou eu arrumo casa”, conquanto: “eu me sinto mais amorosa, sinto mais amor, sinto muito mais prazer em pequenas coisas”, também se sente muito mais motivada: “tem que terminar (a graduação) pela minha filha, que tenho que conseguir sustentar ela sozinha, desde a gravidez esse pensamento ficava em mim, eu tenho que me formar, tenho que conseguir, tenho que lidar, é... eu tenho que ser independente, eu tenho que dar condição pra minha filha estudar numa boa escola, ter um bom médico, eu quero poder dar um presente de páscoa, um presente de natal, sabe?”*

### **A ilustre jornada acadêmica e materna de Yara**

*“Ah, com certeza! Eu acho que se alguém estiver passando por tudo que a gente passou, eu acredito que é uma fase muito conturbada e cheia de desafios mas, a questão de você sempre mudar, lutar por isso porque com certeza tudo isso vai valer a pena no final! Na verdade, no caminho e no final né, porque eu lembro de muitas vezes chegar cansada e de pensar - eu só queria dormir - né, - não quero nada - e daí é um carinho, é uma palavra: - mamãe eu te amo - é um aperto de mão, um toque, com certeza, já revigora né, já faz você querer lutar e fazer isso tudo novamente por aquele ser humaninho!”*

Yara engravidou com dezenove anos, em 2012, no meio de uma greve das universidades federais: *“foi um choque na verdade, porque descobri fazendo um ultrassom de acompanhamento quando eu tinha ovário policístico”*. Mas mesmo com o choque e sem consultas de pré-natal: *“a G., porque já descobri no mesmo dia que era uma menina né, estava muito saudável”*.

O que não era muito saudável era o relacionamento com o pai da sua filha, sendo muito abusivo, regado de ameaças e brigas constantes. Depois que sua filha nasceu, ele não pagava pensão alimentícia, entretanto, fazia ligações ameaçando lutar pela guarda da filha na justiça. Devido ao término conturbado e ameaças

frequentes, seu professor se dispôs a orientá-la e ajudá-la com as medidas cabíveis para sua proteção e de G.: *“meu professor M., e quero deixar registrado, é uma pessoa sensacional que me ajudou em todo processo. Ele disse: esse é meu o celular, você pode me ligar a qualquer momento, a qualquer hora! E eu estou do seu lado, eu tenho advogado”*. Yara revela que eles não têm mais contato pessoal, as duas estão em segurança e ela atualmente está com um noivo que a apoia e ajuda em todos os cuidados com a G., sendo um padrasto bem presente e participativo. Sua filha lhe trouxe muita paz, rotina e organização, para ela, ser mãe é uma felicidade muito grande e o sentimento de perseverança define toda essa experiência, além de *“amadurecimento né, com certeza uma visão de vida muito diferente”*.

A rede de apoio foi composta por pessoas de dentro de sua família e daquelas que menos esperava: *“tinha também o E., que era um funcionário do herbário que fiz estágio”*, que se ofereceu, juntamente com a esposa, para ficar com a filha dela enquanto ela estudava, devido ao período de adaptação da escolinha e rotina nova. *“Minha irmã, ela pegou as férias dela para cuidar da G. [...], meu irmão, mesmo sem jeito, se ofereceu. Revezávamos horários, com meus pais, foi uma força tarefa”*. Seu melhor amigo também foi muito importante para ela: *“ele nunca deixou de me apoiar”*, além disso, conheceu outra estudante mãe, que na época era sua veterana na graduação, com a qual dividiu moradia, e lhe ensinou muito, não só sobre o curso, mas sobre a maternidade.

Yara passou por dificuldades diversas e momentos bem intensos quando a pequena ficava doente e ela tinha que estudar, dar conta de cuidar da casa, roupas: *“as principais dificuldades, na verdade, foram principalmente relacionadas a adaptação. Você não tem tempo ocioso quando você tem uma criança pequena [...] uma mudança total, porque uma coisa você chegar em casa e poder estudar, outra coisa você chega em casa, dá banho, trocar fralda, fazer comida né, limpar sujeira, limpar a casa, porque a casa com criança obviamente nunca fica 100%”*.

Com seu retorno às aulas, depois do parto, seus colegas de sala pensaram que Yara não teria tempo para se dedicar aos estudos, causando certo receio em formar grupos de estudos e trabalhos com ela, porém, *“depois eles viram que eu estava tirando nota boa e todo mundo quis fazer trabalho comigo”*. Contou, também, sobre o preconceito que sofreu por estar grávida na área de pesquisa: *“a professora falava - mas você não vai dar conta, porque você está grávida, você tem que coletar dados e tudo mais -. Então isso já foi meio que um trauma”* como se a gravidez

impactasse diretamente na sua dedicação e inteligência, sendo tida como irresponsável por ter engravidado na graduação. Durante seu mestrado, também enfrentou obstáculos com a escassez de vagas no mercado de trabalho sentindo medo de passar por dificuldades financeiras e não conseguir dar um futuro melhor para a filha, *“claro que ela nunca passaria fome, nesse sentido, porque eu teria o apoio dos meus pais e tudo mais, mas querendo ou não é um momento bem marcante... onde você não tem emprego, querer dar um futuro melhor e não poder naquele momento”*.

Ainda pensando no futuro de G., contou os detalhes de como seu professor lhe encantou com a idéia de permanecer na carreira acadêmica, seguindo para o doutorado e desbravando a sala de aula: *“Você já pensou que a profissão de professor te dá uma liberdade muito maior do que qualquer outra né, tipo, querendo ou não, se a G. tiver uma apresentação na escola, que outra profissão você não pode conversar com os alunos, né? Falar: olha vamos marcar uma aula outro horário e tal. Não existe outra que te dá uma liberdade tão grande quanto o professor.”*

## **O universo resiliente de Valéria**

*“Olha, pensando no universo né, feminino, gestante, queria dizer que é possível! Estudar, trabalhar, fazer até mil coisas como nós fazemos. Eu uso muito essa frase: - tem mil coisas para fazer -, meu marido fala: - como você é exagerada! - Mas é essa sensação que eu tenho, mil coisas na cabeça, mil coisas ali, aqui, pra fazer ao mesmo tempo. Mas é possível sim! Lógico que deve ter diferentes contextos né, o apoio é muito importante. Mas, a gente sempre encontra essas pessoas que olham com um olhar de realmente ajudar! Então, assim, é possível! Não é fácil, mas é possível!”*

Valeria engravidou no último de seu curso de graduação, em 2018. Por ser o último ano, tinha poucas disciplinas e sua maior preocupação, além do nascimento do bebê, era o Trabalho de Conclusão de Curso (TCC). Devido a outras questões de saúde, teve de se afastar da graduação no seu primeiro ano, o que deixou-a mais apreensiva quanto à possíveis atrasos em relação à finalização do curso.

Seu filho lhe trouxe um amor o qual ela não conhecia, transformando a experiência de ser mãe em dedicação e conquista, com muita persistência em

continuar a graduação, em finalizar o TCC: *“aí, você olha lá para o futuro, se imagina com seu filho né, num futuro melhor. Então, acho que fica a palavra força, que te traz uma motivação para fazer as coisas com muito mais garra, com muito mais persistência”*.

Durante a gravidez, recebeu apoio de sua família, principalmente sua mãe, em todos os aspectos: *“a época chegou, de organizar o quartinho com as coisas do bebê, então minha mãe me ajudava muito. Foi a pessoa que mais me ajudou nessas questões, e ela dava o apoio psicológico do TCC... às vezes passava lá, me via passar o dia escrevendo, aí às vezes ela via que eu estava desanimada, ela falava: - você vai conseguir -. Então esse apoio psicológico também!”*. Na universidade, no final da gestação, quando os incômodos e inchaços estavam mais presentes, os colegas de sala se prontificaram em passar as atividades e os conteúdos dados em aula quando ela faltava: *“mais no finalzinho, falavam: - não Valeria, pode parar de vir, se você precisar de alguma coisa a gente vai te passando daí você faz em casa”*.

Sua professora orientadora também ajudava bastante em questão de motivação, engajamento, escolhendo ela, mesmo grávida, para ser monitora em sua disciplina: *“esse olhar diferente das pessoas, que nem da minha orientadora, dizendo: - Não, você está grávida, mas você consegue! Não tem problema nenhum! - Então isso é muito importante na gestação, tanto na área acadêmica, quanto no mercado de trabalho. A gente sabe, também, que é muito complicado né, ter esse olhar dela para gestante, que ela vai conseguir! Que às vezes ela própria pensa: - Não, eu não vou conseguir!”*. No ano anterior à sua gravidez, Valéria conta que uma colega de sala e uma amiga sua bem próxima também engravidaram e fazendo as disciplinas juntas, serviram de inspiração: *“eu acompanhei esse momento dela, ela já estava no fim da graduação, aí, a gente para e pensa: - olha, elas passam por isso e deu tudo certo”*.

O ânimo para executar as atividades acadêmicas foi uma de suas principais dificuldades, porque sentia muito sono, desconforto físico em passar horas sentada e com o final da gravidez nenhuma posição era agradável. A locomoção até a universidade era tortuosa devido ao ônibus lotado, a náusea pelo balanço do transporte público, a dor nas pernas e nas costas por não ter lugar para sentar e até mesmo a falta de empatia das pessoas que estavam no transporte, e por esse fato muitas vezes precisou recorrer a ajuda do marido para levá-la até as aulas.

Infelizmente, uma semana antes de seu filho nascer seu marido sofreu um acidente de moto e fraturou a perna: *“até por isso que eu parei de ir às aulas né, eu*

*ia até no finalzinho mesmo.. e aí eu tive que parar antes por conta disso. E aí foi uma questão, assim, psicológica muito difícil! Porque, aí, esse momento todo planejado e tudo, foi assim, saiu completamente dos planos. Então esse finalzinho foi bem mais difícil por conta disso”.*

Depois que o bebê nasceu, pelo contexto específico do marido acamado e se recuperando do acidente, por mais que tivesse se preparado, vendo vídeos no Youtube sobre cólicas e adaptação, ser mãe de primeira viagem não é tão glorioso assim: *“os primeiros dias, na verdade, o primeiro mês é muito intenso! De você conhecer o seu bebê, dele te conhecer, então assim, é um período de adaptação que realmente é muito, eu diria assim, desgastante! Mesmo! Fisicamente, emocionalmente, para a mãe está evoluindo, então assim, foi essa adaptação de conhecer meu filho, dele nos conhecer e a gente conseguir adaptar a rotina da melhor forma”.*

### **A metamorfose inspiradora de Cynthia**

*“Vai ficar tudo bem! Eu sei que agora parece que a sua vida acabou, que tá tudo perdido, que você num consegue enxergar o que vem aí pela frente. Parece que você num vai conseguir lidar com isso, mas você vai! Isso vai trazer força pra você, e o segredo que me ajudou muito é: você viver um dia de cada vez. Porque quando você projeta o seu futuro lá na frente né, que seja meses ou anos, cê entra em desespero.. porque você não sabe o que vai acontecer [...] mãe de primeira viagem, já é difícil, imagina na graduação, então.. vai dar tudo certo! Você vai aprender com o tempo e viva um dia de cada vez, pra não entrar em desespero. Então esse seria o meu conselho para outras mães universitárias.”*

Cynthia engravidou no primeiro ano da graduação, em 2013, com seis meses de namoro. Ela contou que foi bastante conturbado a aceitação da gestação para seu pai e que devido ao seu autoritarismo, fez com que ela escondesse a gestação até quase seis meses: *“foi bem difícil e ele sempre falava pra mim, tipo - Nossa, você não pode ficar grávida sem ta com a vida planejada, sem ta casada já, terminado a faculdade, trabalhando - todo aquele rito né, social, que as pessoas esperam que você passe. Aí, assim, foi um baque muito grande, porque eu, na verdade, não foi só*

*com relação a gravidez que eu fiquei desesperada, foi mais com relação ao meu pai, eu falava: - meu, como é que eu vou contar pra ele, minha vida vai acabar e tudo acabou! - tipo, acabou assim, eu não consegui enxergar a minha vida depois daquele acontecimento né.”*

A única pessoa que permaneceu calma durante todo esse processo foi seu namorado, atual marido, que lhe deu todo apoio e suporte possível, tanto em toda a gestação: *“e ele foi assim muito.. muito acolhedor, né, na época. Porque foram quarenta dias e quarenta noites chorando, mais ou menos né, e ele naquele dia, (que ela descobriu a gravidez) nossa, me abraçou muito! Disse palavras positivas: - vai dar tudo certo, nós vamos fazer isso juntos”,* como quando ela entrou em depressão durante a gestação: *“eu fiquei, tipo, muito muito perdida, sabe? Perdida! E aí, que que aconteceu, eu não tinha criado vínculo com ninguém na minha sala ainda, então assim, num lugar novo, uma universidade nova, apesar de eu já saber como funcionava mais ou menos por eu ter vivido uma outra experiência, eu não consegui criar vínculo com ninguém”.* Com isso, descreveu essa experiência com sentimento de superação dizendo que ser mãe é um desafio diário e sua filha lhe trouxe muita alegria e um jeito novo de enxergar a vida.

Apesar de todas as turbulências e desentendimentos com seu pai, Cynthia pôde contar com sua família de modo geral, mais especificamente as mulheres: *“então minha madrinha, minha irmã foi uma pessoa essencial pra mim, apesar dela ser mais nova, ela sempre foi a pessoa que né, escutou o meu choro, desde sempre.”* Foi acolhida pela família do seu marido, e contou muito com a rede de apoio da família que ela escolheu: suas amigas! *“E também as meninas que eu morava, as meninas da minha outra faculdade, elas sempre estiveram presentes mandando mensagem, me ligando, perguntando como eu tava. Então né, num é um apoio tão ativo ali de presença mesmo física, mas é um apoio mais emocional, de ligar, de se preocupar, até hoje né.. São coisas importantes que fizeram a diferença.”*

Na universidade, sentiu muito medo de ser julgada e excluída, pela dificuldade que teve em criar vínculos: *“o meu curso era integral, então era tipo, praticamente das 8h às 18h, todos os dias né, então eu ficava o dia inteiro, almoçava lá, e eu já ficava com medo das pessoas me julgarem. Então tipo: - meu, eu to grávida, to no primeiro ano, as pessoas vão me julgar muito, eu não consigo fazer amizade porque esse grupo de meninas não tá me acolhendo, elas não vão me aceitar quando eu falar que to grávida, enfim [...] E aí assim, conforme as pessoas iam sabendo (da gravidez),*

*descobririndo.. não sei, sabe quando você sente que todo mundo tá falando de você? Não na sua cara né, mas cê sente.”*

Com a gravidez, sua vida social foi impactada, diminuindo as idas à festas e isso abalou muito o seu emocional, além de em seu pós parto se sentir muito sozinha, sobrecarregada e mais depressiva, levando-a procurar ajuda psicológica: *“então assim, toda essa questão social de interação social foi de mal a pior, né, só ladeira abaixo, então acho que essa foi a mudança mais impactante pra mim, foi essa. [...] Até hoje parece que eu tento resgatar, tentar redescobrir quem eu sou, sabe? Porque foi um divisor de águas, então assim, eu tinha uma identidade clara, eu era uma pessoa segura de mim, eu sabia o que eu queria, enfim, todo esse negócio e aí eu mudei repentinamente todo meu estilo de vida”.*

A adaptação depois que sua filha nasceu foi um pouco difícil também, mas com ajuda de sua mãe, Cynthia não reprovou em nenhuma das disciplinas durante toda a graduação: *“não peguei nenhuma dp durante a graduação. Porque eu tinha muita ajuda da minha mãe né, ela olhava minha menina pra eu poder ir pra faculdade, e no primeiro semestre de 2014, que foi logo depois que ela nasceu, eu fazia só uma disciplina. Então só ia de sexta pra faculdade pra não ter que trancar o semestre, e aí eu fiquei um semestre a mais né, eu me formei em julho de 2017”.* Houve um período em que seus pais se divorciaram e isso abalou muito o emocional de sua mãe, impactando na ajuda que dava ao cuidar de sua filha, acarretando na procura de uma creche particular. Com essas preocupações e estresse, Cynthia precisou lidar com crises de enxaqueca em seu cotidiano.

Apesar de sua depressão e todos os momento bem difíceis ao longo de sua jornada como mãe e estudante, depois dos seis meses de sua filha, Cynthia voltou com seus velhos hábitos: *“a minha menina já tava com seis meses mais ou menos, então já tinha mais autonomia né, já tava também mais me reencontrando né. [...] Porque você para de viver pra você. Porque tem um ser em cima de você vinte e quatro horas por dia, chorando. Cê num pode nem tomar banho, cê esquece de escovar o dente, cê fica sem lavar o cabelo, sei lá, dez dias. É uma coisa muito louca! [...] Então tentei reorganizar, eu meio que misturei as matérias, tinha mais contato com outras turmas de outros anos.. [...] eu tivesse tido mais oportunidade de conhecer mais pessoas e conversar com mais pessoas. E elas começaram a saber um pouco da minha história”.*

Cynthia teve uma bixete que engravidou quase no final do curso, e por já ter

passado por isso prestou todo seu apoio e suporte para ela, assim como também recebeu ajuda de outra estudante mãe, quando engravidou: *“aí eu lembro que eu mandei mensagem pra ela, falei: - olha, né.. me ajuda, pelo amor de Deus, eu não sei o que eu faço - pra tirar dúvidas em relação ao exercício domiciliar, para saber como que era e ela me deu várias dicas”*.

### **A motivadora experiência de Ana**

*“Se informe. Quanto mais a gente souber sobre tudo, sobre gravidez, sobre como criar filhos, sobre bebês, sobre orientação de crianças... Quanto mais a gente ler e se informar, menos você faz cagada (risos)”*.

Ana decidiu engravidar há trinta e nove anos, na época estava casada há dois anos. Todos ao seu redor ficaram bem felizes, principalmente ela que queria muito ter um filho: *“eu ia assistir aula com ele no moisés, e todo mundo ficava: - Ai que legal”*. Mas algumas professoras estranharam sua decisão: *“uma professora minha de obstetrícia a gente estava conversando um dia: - Você é doida de engravidar no meio do curso.. imagina você ainda não se formou - daí ela pegou e falou assim: - Escuta, quando você se formar você vai guardar o diploma na gaveta e vai ficar em casa? - Aí eu falei: - não, eu vou trabalhar, vou trabalhar fora de casa do mesmo jeito, eu vou ter uma ocupação.”* Ana se inspirou em seus amigos para engravidar, então conheceu várias outras mulheres que estavam grávidas e inclusive morou com uma: *“A gente morou junto quando ela tava grávida, gravidona e eu estava grávida e não sabia ainda né.. e nossos filhos nasceram quando a gente morava nessa casa, então nessa casa tinha três crianças: uma moça que já tinha uma criança de três anos, o meu recém nascido e o C. que era uns meses mais velho que o meu né, era uma república de pais e filhos”*.

Naquele tempo, não existia na UFSCar a UAC, e Ana foi uma das primeiras mulheres que se envolveu na luta pela sua construção: *“a gente chegou a fazer movimentos por creches lá, e enfiamos toda a molecada dentro lá da reitoria, [...] e botamos lá carrinho, fralda, mamadeira e colocamos todas as crianças lá e foi muito legal (risos). [...] Mas demorou bastante para sair a creche [...]. E realmente eles precisavam se movimentar, já tinha bastante estudantes com o filho”*.

Ana sempre se virou bem em relação à sua gravidez e seu filho, sendo muito independente e contou com pouco suporte apesar de ter uma rede de apoio fortalecida: *“eu saía, eles (os professores) já sabiam que eu tinha que buscar meu filho na creche e eles deixavam.. quando ele era pequenininho e mamava, deixavam eu levar ele na aula, amamentava ele na aula.. coisa normal né, todas enfermeiras é difícil ser de outro jeito (risos)”*. Não teve muitas dificuldades nesse processo além do cansaço com estágios, vida acadêmica cotidiana em conjunto com a maternidade: *“a gente tira energia, não sei como eu tinha energia para fazer tanta coisa. Era o estágio, acordava 6h da manhã, e leva ele na escola, e vai pra aula, fazia comida, lavava a roupa dele, passava e ia dormir 4h da manhã! Era tudo maravilhoso (risos) eu adorava, não achava nada ruim, eu achava legal.”*

Suas mudanças cotidianas e internas giraram em torno de sua gravidez, alimentação, atividades físicas, idas a médicos e consultas: *“uma coisa que eu comecei a fazer: [...] comecei a comer as verduras, um pouco de tudo, fazer uma dieta mais ou menos [...]. Depois comecei a nadar todos os dias, eu ia na piscina antes do almoço, era coisa que eu não fazia, eu comecei a fazer em função da gravidez”*.

A maternidade lhe trouxe mais dedicação e maturidade, sendo necessária para aprendizado e saber lidar melhor com crianças atualmente. Além disso, ela descreve que esse processo foi regado de muita autoestima, muito autoconhecimento, muitas alegrias: *“foi um período em que eu me senti ótima!! Com meu corpo, com as coisas que iam acontecendo, e de fazer as coisas.. foi um período muito legal. [...] E a gravidez multiplica tudo, então você fica com o peito bonito, a barriga de gravidez, fica lindo! Não tem nada ruim, né! Esse ponto foi bem legal, de autoimagem e tal. E depois que ele nasceu também, eu gostava de andar com ele, ter filho, ser mãe”*.

### **Um lugar que acolha as mães e seus filhos e filhas**

A maternagem é um papel ocupacional primordial na vida de muitas mulheres. Para algumas a maternidade acontece a partir de um rigoroso planejamento e com redes de suporte afetivo e financeiras cuidadosamente organizadas. Para outras a maternidade ocorre sem aviso, sem planejamento, trazendo a impressão de algo que acontece fora de hora, no lugar inadequado. No caso dos oito relatos que reunimos, a experiência da maternidade compensou as dificuldades e obstáculos enfrentados,

pois todas valorizaram a energia de acompanhar o crescimento de uma nova vida. Cabe considerar no entanto, que vários aspectos chamam a atenção para os desafios impostos pela universidade pública, a uma estudante que engravida, como, a falta de empatia e acolhimento por parte dos professores durante as aulas presenciais, e especialmente no exercício domiciliar, onde muitos não prestaram o suporte necessário e nem buscaram compreender a situação. Além dos colegas de turma, que muitas vezes também olhavam para essas mulheres com julgamento e antipatia. Justamente por essa questão, as estudantes se depararam com dificuldades para encontrar locais dentro do mundo acadêmico que fossem receptivos e agradáveis para existirem com seus filhos.

Pensando na acessibilidade alguns espaços como o Restaurante Universitário, com o avançar da gestação, se mostraram inacessíveis devido à sua localização dentro do campus e a falta de transporte interno, fazendo com que essas mulheres tivessem a necessidade de procurar outras fontes de alimentação, desprendendo mais tempo e recursos financeiros para tal. Para além disso, a dificuldade em acessar esse espaço, afetava diretamente na vida social, limitando o convívio com o coletivo e as trocas entre grupos.

A escassez de respaldo, informações e a rígida burocracia acerca do exercício domiciliar por parte da universidade durante a maternidade, contribuíram para mais uma preocupação das estudantes. Na maioria dos relatos, isso foi identificado como um dos maiores problemas que perpassaram essa fase tão conturbada de adaptação do ser mãe enquanto estudante, na conciliação de tempo e dedicação às suas necessidades pessoais, acadêmicas, domésticas e as de seus filhos, levando-as muitas vezes à sobrecarga e exaustão, sendo isso um fator de risco relevante para o desenvolvimento de transtornos de saúde mental.

Podemos concluir acerca dos relatos de experiência, que ser mãe na graduação perpassa muitas áreas individuais e delicadas. De maneira mais ou menos aflitiva e levando em consideração sua trajetória até o momento de suas entrevistas, todas as mães estudantes classificaram essa experiência fisiológica e acadêmica com substantivos que remetem ao autoconhecimento e fortalecimento como: perseverança, conquista, amor. Notamos também as transições dos papéis ocupacionais de estudante para “o ser mãe”, passadas por elas com muita resiliência, resistência e adaptação. Ter tido a chance de ouvir essas estudantes, oferecer um espaço seguro e oportunidade de conhecer a experiência dessas estudantes-mães,

mesmo que de maneira online e por um breve tempo, nos foi extremamente gratificante, contribuindo para nossa conduta profissional futura e concluindo nosso ciclo acadêmico de maneira satisfatória.

Ressaltamos que a luta para que as instituições de ensino superior sejam locais mais seguros, acolhedores, e uma fonte de apoio para essas mulheres, não pode parar, pois ainda há muito a ser conquistado. Além disso, destacamos a importância de propiciar espaço de fala e escuta qualificada a essas mulheres, que muitas vezes são invisibilizadas durante esse processo.

## Referências:

BAR, M. A.; JARUS, Tal. The effect of engagement in everyday occupations, role overload and social support on health and life satisfaction among mothers. **International journal of environmental research and public health**, v. 12, n. 6, p. 6045-6065, 2015.

BEZERRA, N. Mulher e Universidade: a longa e difícil luta contra a invisibilidade. Conferência Internacional sobre os Sete Saberes, 2010. Fortaleza: UECE, 2010. p. 1-8. Disponível em: <[https://www.mpba.mp.br/sites/default/files/biblioteca/direitos-humanos/direitos-das-mulheres/artigostesesdissertacoes/teorias\\_explicativas\\_da\\_violencia\\_contra\\_mulheres/a\\_mulher\\_e\\_a\\_universidade.pdf](https://www.mpba.mp.br/sites/default/files/biblioteca/direitos-humanos/direitos-das-mulheres/artigostesesdissertacoes/teorias_explicativas_da_violencia_contra_mulheres/a_mulher_e_a_universidade.pdf)>. Acesso em: 19 de julho de 2021.

DUNBAR, Sandra. . Exploring the Occupations of Mothering from Diverse Angles. Disponível em: <[congress2018.wfot.org](http://congress2018.wfot.org)>. Acesso em: 29 de setembro de 2021.

INSTITUTO NACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISA EDUCACIONAIS ANÍSIO TEIXEIRA. **Mulheres são maioria na Educação Superior brasileira**. Disponível em: <[http://portal.inep.gov.br/artigo/-/asset\\_publisher/B4AQV9zFY7Bv/content/mulheres-sao-maioria-na-educacao-superior-brasileira/21206](http://portal.inep.gov.br/artigo/-/asset_publisher/B4AQV9zFY7Bv/content/mulheres-sao-maioria-na-educacao-superior-brasileira/21206)>. Acesso em: 19 de julho de 2021.

INSTITUTO NACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISA EDUCACIONAIS ANÍSIO TEIXEIRA. **Censo da Educação Superior 2019**. Disponível em: <[https://download.inep.gov.br/educacao\\_superior/censo\\_superior/documentos/2020/Apresentacao\\_Censo\\_da\\_Educacao\\_Superior\\_2019.pdf](https://download.inep.gov.br/educacao_superior/censo_superior/documentos/2020/Apresentacao_Censo_da_Educacao_Superior_2019.pdf)>. Acesso em: 19 de julho de 2021.

SETHI, C. Mothering as a relational role: Re-evaluating everyday parenting occupations. **Journal of Occupational Science**, v. 27, n. 2, p. 158-169, 2020.